

## Mauro Mota

por Moisés Neto

Mauro Ramos da Mota e Albuquerque nasceu em 1911, no Recife, com raízes em Nazaré da Mata (norte da região canavieira de PE). Em 1970, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Viveu muito tempo nas feiras, nas ruas com gente do povo, com os senhores de engenho da região. (a vida regulando-se pela safra da cana, festas, procissões e feriados cívicos).

Estudou no Recife (Colégio Salesiano). Formou-se em Direito (1937), mas dedicou-se ao jornalismo. Estreou em livro em 1952 com *Elegias*, temática do autor. Com esse livro conquistou o “Prêmio Olavo Bilac” da Academia Brasileira de Letras.

Foi prestigiado pela crítica como grande poeta, principalmente como lírico de grande potencial verbal e extraordinária imagística. Mauro produziu também em prosa crônica, folclore, estudos de sociologia regional e geografia sempre usando um discurso claro, nítido e elegante apesar do apóio científico.

Mauro conseguiu misturar poesia e ciência sem comprometer a exposição objetiva.

Mauro foi professor, Diretor do Diário de Pernambuco, Diretor-Executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (1956/1970). Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Pernambucana de Letras. Tem poemas traduzidos em inglês, francês, italiano e castelhano.

As *Elegias* de Mota denunciam o melhor do poeta. Ele se descobre pela dor e, através dela, revela sua riqueza melódica. Usou da forma clássica e do ritmo interior. O seu canto de desalento concentrou-se em imagens e ritmos de um grande poeta. “*Dor a sua que não roda como o moinho sentimental de Casimiro de Abreu, mas que se expande em música de um Schumann, no mais fúngente recordar do amor desfeito*”. (José Lins do Rego in Diário de Pernambuco, Recife, 29 de janeiro de 1953).

As lembranças são muitas. Coisas e pessoas cercam o poeta e a relação dele com elas nunca é neutra. A poesia possibilitou ao poeta Mauro Mota o reviver em outra dimensão, um tempo e um espaço. O que aconteceu é chamado pelo poeta. Na prosa as coisas fluem de modo mais trivial, mas o senso poético o domina.

Mota é o poeta de cotidianos suburbanos, o tradicionalista que se soma ao regionalista. Cantou a mulher amada que, praticamente, viu morrer em seus braços, bela e jovem, em elegias clássicas. Cantou as tecelãs humildes, subúrbios humildes, cotidianos brasileiroamente humildes. Identificou-se profundamente com as raízes mais raízes da vida de sua cidade, de sua província, de sua região, de seu país. Isto tudo em palavras poéticas distantes das convencionais ou poéticas. Os doces, pacatos, tranqüilos subúrbios de cidades provincianas, mas especificamente do Recife: “Recife rica de subúrbios franciscanamente simples e naturais,” “brasileiras casas de porta-e-janela ou de pequenos chalés”. Os subúrbios revividos com melancolia:

### **Rua Real da Torre**

Ó Rua Real da torre,  
que mistérios ocultos  
nos chalés mal-assombrados  
que aos fantasmas alugais?

Nos cemitérios e sítios?  
nas casas de telha vã?  
nos crepúsculos pousados  
nas copas dos flamboyants?

Um cheiro de moça noiva  
chega dos velhos jardins.  
ressurgem tranças com ramos  
de resedás e jasmims.  
Os vizinhos nas calçadas  
logo depois do jantar.  
Cadeiras de lona se abrem  
para as almas conversar.

O passado é ativado, iluminado pelo sol da atenção e se faz presente na poesia.

A casa (espaço) para Mauro Mota é o núcleo central das recordações, ponto de partida para uma poética de adesão ao espaço e ao tempo. Pela recordação o eu-poético toda o que há de mais profundo na casa. Esta é o “abrigo”, “proteção”, “ninho de lembranças”, “integração dos pensamentos e sonhos”: continuação do colo materno, algo vivo no poeta:

### **Mudança**

“Não ficaram na mudança nem o pé de sabugueiro  
e o cheiro dos cajás, os passos da mãe no corredor,  
a noite, o medo do papa-figo, as sombras na parede.

A casa inverte a missão domiciliar, sai da rua.  
A casa agora mora no antigo habitante.”

Ao falar da casa o poeta a reconstrói intelectualmente e emocionalmente. Ele a refaz. Não é a mesma em que viveu, mas a que sente. A casa, as vozes, os chalés...

### **A casa**

“Debruço-me de fora  
onde havia a janela.  
Nuvem ou caixa extinta?  
Lá estou como eu era.

Que pássaro imigrante  
pousa na cumeeira?  
Que neblina umedece  
as paredes aéreas?

Quem me chama ou me leva  
quando o espaço transponho?  
só o verde das heras  
sobre as vozes e o sonho.”

### **Os Inquilinos**

“Nos quartos da casa  
moram os fantasmas  
dos avós  
inquilinos, mais  
que a gente, têm medo  
de ficar sós.”

### **A gaveta**

“Torço a chave.  
Geme  
a gaveta.

Remos na fotografia  
o passeio de canoa  
no domingo fluvial.

O soneto do estudante,  
a certidão, a receita,  
o anel sem dedo.

Luciana na caixa verde,  
batem nos dentes de leite  
os bombons pelo Natal.

O livro dos endereços  
(Para onde, agora?)  
O telegrama chama.

Torço a chave.  
Geme a gaveta.  
(O aperto de mão da luva sem mão)”

### **Lembrança**

Tua lembrança chega esta noite  
depois de percorrer longos caminhos do espaço  
rompidos pelas músicas da distância.  
Sinto a alma toda aberta, pura, branca, horizontal,  
tua lembrança pousando  
suave e leve  
como o azul cai do céu na superfície estática das águas.  
Como uma sombra de criança num jardim de organato.  
Como uma réstia de luar desce da clarabóia e pousa no rosto pálido de  
[uma moça doente.

### **Ceia**

“Revemos a família antiga em volta  
desses cacos de louça do quintal.”

### **Cheiros**

“O cheiro dos jasmims, do cajueiro, da alfazema,  
da cozinha (café torrado, charque assada)  
o cheiro da Lindalva,  
(banho de chuveiro, sabonete)  
do peixe frito na esquina do Colégio,  
da loção do cabeleireiro José Mateus,  
do extrato no lenço do almofadinha Jonas Garcia”.

A casa, os sobrados, os chalés, as ruas são relicários do passado que abrigam e conservam o que o tempo destruiu. Mesmo assim, esses espaços preservam sua fidelidade ao vivido, morada dos fantasmas, dos que se foram:

Os jardins e o cheiro de moça noiva de outrora...  
Um transeunte noturno fechando a janela do oitão...

### **Rua morta**

“Longa rua distante de subúrbio,  
velha e comprida rua não violada pelos prefeitos,  
passo sobre ti suavemente neste fim de tarde de domingo.

Sinto-te o coração pulando oculto sob as areias.  
O sangue circula na copa imensa dos flamboyants.

Tropeço nos passos perdidos há muito nestas areais,  
Onde as pedras não vieram ainda sepultá-los.  
Passos de homens que jamais voltarão.

Ó velhos chalés de 1830,  
eterniza-se entre as paredes o eco das vozes de invisíveis habitantes.  
Mãos de sombras femininas abrem de leve janelas do oitão.

Há um cheiro de jasmims e resedás  
que não vem dos jardins abandonados,  
mas dos cabelos dos fantasmas das moças de outrora”.

É na casa extinta que o poeta encontra com ele mesmo. Neste espaço onde ela existiu, ele se coloca à janela não mais existente. Se tudo foi demolido, resta ao poeta olhar de fora para dentro. E o poeta se revê na casa:

“Debruço-me de fora  
onde havia janela  
nuvem ou casa extinta?  
Lá estou como eu era.”

A casa destruída... O poeta e as lembranças, o receptáculo de imagens e de tempo. A casa muitas vezes “personificada” pelo poeta.

O poeta, pela poesia, refaz a casa dos avós num diálogo com ele mesmo. A voz da saudade. A voz que ativa um momento histórico e também social, voz cheia de emoção:

### **Doçura Nazarena**

“Vinha dos bangüês a doçura dos ares,  
pregões de cocada, alfenim, caramelo.  
Doçura de mel de engenho com farinha,  
das aulas de catecismo, do canto das moças no coro  
das novenas, da flauta de Targino.

Doçura do piano de Celina, tocano valsas vienenses e  
valsas de Alfredo Gama,  
das tardes de domingo.  
Doçura do Xarope Peitoral Nazareno,  
“infalível na cura das tosses rebeldes  
e da tuberculose pulmonar.”

**Soneto muito Passadista  
Na Ponte da Madalena**

Que lembrança ficou para mim do sobrado  
da madalena? (vai passando o rio atrás)  
Na frente, o jasmineiro e, no oitão, carregado,  
o pé de fruta-pão e de sombras cordiais.

Na cumeeira Luís de Camões instalado.  
O avô de fraque, a avó entre os jacarandás  
da sala, na varanda, ou querendo, ao seu lado o neto,  
de qualquer peraltice capaz.

Desta inclusive de mexer nas coisas mortas  
as valsas de subúrbio, o oratório, a novena.  
Que lembrança ficou do sobrado onde havia  
Teresa? Neco, prenda o cachorro e abre as portas,  
porque me chamam, nesta noite, à Madalena,  
o jasmineiro em flor e o piano da tia.

Os sobrados recifenses, - paisagem que encontrou os viajantes e artistas – o cais, o banho no Capibaribe (naquele tempo, o rio não era depósito de detritos!), a água transparente do Capibaribe. O poeta funde o momento atual com o distante. Relembra as pessoas e os objetos (móveis) familiares que por sua vez parecem ter alma, vida:

**Penteado**

Vertical a asa ereta aberta em leque,  
era uma grande borboleta preta  
presa, a marrafa no cocó da avó.

O poeta olha as coisas com olhar desinteressado e as coisas respondem preenchendo a imaginação do poeta. O mundo dele parece começar junto das coisas. O mais simples objeto pode abrir para o poeta um mundo: a escova, a parta, o vidro de dentifrício, o espelho (“Quem bate do outro lado / dessa porta? Quem chama? / Que substância mora / no cristal e no estanho?”), os sapatos (“Pendentes os dois cordéis / como dois nervos expostos / que se enxertam nos meus pés, / não os levo, eles me levam (...) são barcos nas poças d’água, / es- quifes dos pés defuntos...”), o guarda-chuva, a cesta, os balões, enfim as palavras-dispostas num microcosmo – sugerem.

“Cadeiras e sofás, consolo e jarra:  
camas e bules, redes e bacias,  
a caixa de charão, o guarda-louça,  
tetéias, mesa, aparador, fruteira,  
a cesta de costura, o papagaio,  
a cafeteira, o cromo da parede,  
o jogo de gamão, as urupemas,  
o álbum, o espelho, o candeeiro belga.”

Enumeração, palavras seqüenciadas que ganham sentido unidas à intenção do poeta. São um convite à imaginação, ao sonho, à viagem a um passado que poderia também ser o passado do leitor. O poeta coloca “cadeiras” e quanta coisa esse objeto evoca “sinhazinhas conversando, senhores gordos discutindo a safra da cana-de-açúcar e a política do presidente da província...” Restos de corpos (que ali sentaram) desaparecidos. Lembranças de escravas a limparem essas cadeiras, ou outros móveis. A cadeira da avó, a cadeira das visitas... (e quantas associações podemos fazer!) A vida provinciana, uma história, uma época, o dia-a-dia que o mundo da cana-de-açúcar pôde proporcionar.

Os objetos do passado não estão mortos, são fontes de evocações, apoderam-se do espírito do poeta.

A memória, a saudade também aparece num jogo contrastante entre a voz fria do leiloeiro e a voz do poeta entre parênteses no poema LEILÃO.

“– Quanto dão? Quando dão?  
– Quem dá mais?, grita mais o leiloeiro.  
– Esta bengala de castão de ouro!  
(Onde anda sem levá-la o dono antigo?)

– Esta arca colonial!  
(Falam dedicatórias de retratos,  
falam cartas de amor, a voz trancada).

– Esta mobília de jacarandá!  
(As visitas na sala, o pai, a mãe,  
a irmã, a avó cochila no sofá.)

– Este faqueiro de prata!  
(Cruzados os talheres, as mãos cruzadas.)

– Esta cômoda do século XIX!  
(Soluçam as gavetas; dentro delas,  
cheiro de roupa branca e de alecrim).

– Esta louça azul de Macau!  
(A fumaça (da sopa?) na terrina.  
Na borda (asa quebrada) desta xícara  
os vestígios dos lábios da menina).

Quem tira as rosas que a moça bota  
nos jarros de opaline do consolo?  
E a moça fresca dentro deste espelho  
do toucador do quarto de dormir?

– Quem dá mais? Grita mais o leiloeiro.  
Bate o martelo, bate aqui, dói longe.

O leiloeiro faz parte do mundo concreto, grita, é vendido. O poeta fala baixo, evoca um espaço que existiu... O leiloeiro está preocupado só com o valor material; o poeta com o valor simbólico dos objetos e com as pessoas, antigos donos. A indiferença do leiloeiro contrasta com a dor do poeta e esse passado só é vencedor porque o poeta o eternizou em poema. Para Mota as coisas sentem (tristeza, solidão, alegria, compaixão, raiva, inquietude): “A fonte canta”, “o vento grita”, “O cacto chora”, “o candelabro faz acrobacias”, “a trepadeira vem à janela, pensa.”

O poeta questiona ainda o fim do homem, seu futuro caminho, o para onde do ser e das coisas:

### **O galo e o catavento**

“(...) O cata-vento gira, e o galo mudo, esculpido em folha, só no aéreo  
poleiro, também gira, gira, gira.  
Ventos catados pelo cata-vento  
tentam levá-lo. O galo, todavia,  
não vai. (Come as rações da ventania).  
Estica, às vezes, o pescoço de aço  
– para onde? Cego e preso, pelo espaço  
O que procura?”

“O livro dos endereços  
Para onde agora?” (A gaveta)  
“Afinal, para onde fui  
o dia nos levaria?” (Litania do Amanhecer)

“Adeus, meus amigos, parto  
sem saber para que porto.” (A partida)

O poeta em “Diálogo com Carlos Pena Filho” conversa com o morto num tom quase prosaico. A morte é vista por Mauro Mota sempre de forma diferente:

“– Carlos, foste há um ano?  
– Nem me lembre!

Nesse julho de chuva não me fui.  
Estou. Meu calendário, é de setembro  
da mesa do “Savoy”: Caio, Zé, Rui.

(...)

– Carlos, de que mais?  
– Da lagoa do carro  
– E o sangue e a tua  
ida (para onde?) que hoje um ano faz?  
– O remo é azul, azul é o passaporte  
Vejo-me. Hoje me vi. Navego. Pára  
a canoa no Cais de Santa - Rita.  
– Quem morre no Recife engana a morte.  
Se criei, no azul, os meus azuis, foi para  
esta cidade que me ressuscita.”

O poeta conversa com o morto, rejeita a idéia de obedecer a convenções ante a morte:  
(choro, rezas, velas...)

Das coisas simples o poeta traz um passado feliz:

### **Doce, Doçura**

Cana cana canavial engenho  
Cabaço de caldo, cabaço de mulata.  
A aula de Dona Alice,  
– Mel, plural meles  
– Eu melo, tu melas, ela mela.  
A coleguinha Marta Melo,  
melado de tinta, melado de giz,  
cavalo melado, mel com farinha,  
melífero, melifluidade.

Diálogo das Grandezas do Brasil: A galinha precursora da química industrial na colônia: “A qual acaso voando com os pés cheios de barro úmido se pôs sobre uma forma cheia de açúcar, e naquela parte onde ficou estampada a pegada se fez todo o círculo branco donde se veio a entardecer o segredo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso.”

(...)

A avó, de noite, Salve Rainha:

Bendito o fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce”...

Doce docíssima dulcíssima Dulce.

Rolete de cana caiana na festa da igreja e na estação do trem tabuleiro de alfenim (...) castanha de caju confeitada (...) pão doce da padaria de Seu Odilon, o bombons da venda de Toinho Vieira.

Doce doçura, longe doce.

Toda chave da poética de Mauro Mota parece ser o TEMPO: A água, a chuva, o rio, o tempo na farmácia. Tempo passagem que ele aceita naturalmente, raros são os momentos de desespero.

### **Calendário**

Hoje será ontem  
amanhã e amanhã  
menos seremos.

### **Tempo da Farmácia**

As cores nos boiões, calomelanos,  
o jacaré das rolhas, elixiris,  
os chás, o peixe da “Emulsão de Scott”,  
dietas, língua de fora, Chernoviz,

o xarope da tosse, a queda, o galo,  
o braço na tipóia, a canomila,  
a letra do Doutor, frascos e rótulos,  
o medo de injeções e bisturis.

O banco das conversas, as pastilhas  
de malva e de hortelã, o mel de abelha,  
a cobra na garrafa, o almofariz.

O termômetro, a febre dos meninos,  
o tempo sem remédio na farmácia  
as doenças da infância, a cicatriz.

O tempo foge e o poeta gostaria de vê-lo eternizado. Nele estão os amigos, a amada morta, a família:

*“O piano do sobrado de azulejo  
e a moça tocando a valsa do mês de maio,  
a mãe, a esposa, as rosas  
na jarra azul abrindo  
os ponteiros  
como uma pinça  
extraindo  
as horas felizes do relógio da sala,  
não se foram sós, foram levando a tua vida fugitiva”.*

A chuva, a água, o rio sugerem a passagem do tempo. A visão do rio nas cheias carregando baronesas e bichos mortos. Como ser poeta no Recife sem falar no rio? (Bandeira, Joaquim Cardozo, João Cabral).

### **Chuva de Vento**

“(…)

(As biqueiras da infância, as lavadeiras  
correm, tiram as roupas do varal,  
relinchos do cavalo na campina,  
tangerinas e banhos no quintal,  
potes gorgolejando, tanajuras,  
os gansos, a lagoa, o milharal).

De onde vem essa  
chuva trazida  
na ventania?  
Que rosas fez abrir?  
Que cabelos molhou?  
Estendo-lhe a mão: a chuva fria.”

Os elementos da natureza são simbólicos, testemunham o passado. O homem é um eterno viajante, viajante até de si próprio (Itinerário).

### **O Companheiro**

Quero deixar-me longe. Separar-me  
de mim. Abandonar-me. Ser-me estranho.  
Parto, mas, onde chego, me reencontro.  
Despeço-me de novo e me acompanho.

### **A Viagem**

Esse vaivém, essa  
viagem, sem pousada,  
que, apenas começa,  
tem de ser terminada;

que, apenas termina,  
continua por onde  
o menino transita  
do menino para o homem,

por onde o homem póstumo  
em sua casa entra  
cinzento. (Chega e volta  
quando a Amada o afugenta.)

### **Itinerante**

Vou em busca do ter-ido  
Desapareço no espaço  
Fico de novo perdido.  
Procuro-me, e não me acho.

### **O Poeta do Social**

Mauro Mota, ao falar das pessoas, mostrou simpatia por personagens à margem da vida, os humildes:

#### **A Construção**

“(…)  
Vem vindo José Maria,  
o amarelinho de São Bento  
do Uma, sem genealogia.  
Vem montado no jumento  
saíu da escola (não tinha livros nem fardamento.  
Aprendeu a ler sozinho.)  
Oh, que infância sem infância,  
essa de José Maria!

(…)

Vem vindo José Maria  
vem de São Bento do Uma,  
vestido de roupa cáqui  
e de botinas reiúnas.

Puxa ainda o seu jumento,  
Remexe nos caçuás.  
Carrega barro e madeira  
para a construção que faz  
com alicerces na poesia  
dos desesperos rurais.”

#### **Em louvor de uma estenodatilógrafa**

No papel-lâmina, deslizam  
estenógrafos sinais,  
os semoventes bacilos  
das doenças oficiais.

Corre o carro, gira o rolo,  
as teclas batem, baquetas  
de marimbas sobre a escala  
das folhas tamanho ofício,  
voz do Estado nas primeiras,  
eco nas segundas vias,  
da máquina saindo cheias  
de cicatrizes e veias

Sangue no papel carbono  
coagula-se nas cópias  
das palavras esmagadas,  
migrantes da fita nova.  
Nos dedos, há a nostalgia  
do piano e a contradição  
ver, no teclado, a oficina  
de frases frias e pão.

O protesto social vem carregado de emoção em **A tecelã**. É uma adolescente que partindo para o trabalho deixa:

*“Chorando na esteira”  
seu “filho de mãe solteira”,  
levando consigo a marmita,  
“contendo a mesma ração  
do meio de todo dia  
a carne-seca e o feijão.”*

E ao descrever o trabalho da operária, assemelha-o ao próprio trabalho:

*“os fios dos teus cabelos  
entrelaças nesses fios  
e outros fios dolorosos  
dos nervos de fibra longa  
(...)  
A multidão dos tecidos  
Exige-te esse tributo.  
Para te nem sobra ao menos  
Um pano preto de luto.”*

Os animais nos poemas de Mauro Mota não aparecem por acaso. Eles refletem o universo infantil do poeta: (O pássaro por exemplo é visto como o animal que elabora seu próprio caminho, rompe as distâncias infinitas.

### **Elegia nº 6**

Irrevelada angústia da última hora:  
tantas frases de amor não foram ditas,  
e silenciosamente foste embora  
para as grandes distâncias infinitas.

Pássaro ou anjo que distante mora,  
inquietas asas pelo céu agitas.  
Voltas e pousas suavemente agora  
dentro das minhas solidões aflitas.

Voltas, e eu fico em dúvida se pousas,  
tal a ternura com que vens e a calma,  
tão leve como o espírito das coisas.

Chegas, após vencer longos caminhos,  
com a pureza que vive só na alma  
das rosas virgens e dos passarinhos.

O boi de barro é também o boi real e “outro boi”, não apenas o que fica na estante. Ele é também um boi telúrico. Ele é também coisa e “as coisas só existem em função do olhar do homem exercido sobre elas”. O boi na simbologia medieval significa paciência, resignação, espírito de sacrifício.

É um boi verde vidrado  
acuado em cima da estante.  
É um boi desenterrado  
telúrico e ruminante.

Quem o desenterrou foi  
Abelardo em Tracunhaém  
No barro da beira-rio  
estava escondido o boi

desgarrado do rebanho.  
Feito do gado anterior,  
de estrume e de capim seco,  
é este boi ruminador.

(...)

comeu do pasto e foi pasto,  
misturou-se com o chão  
para nascer no roçado,  
oculto na plantação,

dando marradas no vento  
da várzea pernambucana,  
esse boi de chifres doces,  
chifres de cana-caiana.

Toca o chocalho. O mugido  
do boi de barro enche a sala  
(Cresce a grama no tapete).  
Pego no boi ele racha.

O poeta falou ainda do galo (O Galo e o Catavento), do touro (Slide Chileno), da potranca (A Potranca), da ovelha (Pastoral), das andorinhas (As Andorinhas), do cão (O cão); falou das frutas: jaca (Jaquira), dos cajus (Natureza viva e morta de cajus).

A poética de Mauro Mota é de adesão a um tempo e a um espaço, canto de amor às suas raízes, sua primitividade que ele eterniza no poema. “*O cotidiano, o flagrante do dia-a-dia, o fragmento emotivo, colhidos por Mauro ganham força poética sem perda daquela simplicidade chã. O poeta desrealiza o trivial (aparente) para fazê-lo poesia*”, diz Ivan Cavalcanti Proença.

O lápis sobre a mesa  
estático.  
O sono mineral de plumbagina,  
o sonho oblongo.  
O lápis sobre a mesa,  
o olho no bico.  
O papel branco,  
a solidão.  
O lápis sobre a mesa  
estático,  
o sonho oblongo  
da mão.  
(O Lápis)

Mauro Mota é um jeito de sentir “coisas, gente, bichos, paisagem, tempo”, enfim as lembranças de toda uma vida, consequência do mexer nas coisas mortas (os sobrados, as móveis, os acontecimentos religiosos) como também fez Carlos Drummond de Andrade.

Mota pertenceu à juventude vanguardista. Em seus primeiros poemas observam-se versos livres, linguagem coloquial, linguajar e informação regionalistas e o poema piada. Prosai-cos, refletem a cor local.

Publica suas *Elegias* em 1952. Talvez a morte da esposa tenha ativado sua veia lírica. Mesmo aqui continua a empregar o verso livre regionalista do modernismo de 22. dos 36 poemas que compõem as *Elegias* 16 são sonetos (influência da geração de 45). O tema das *Elegias* é a morte e o passado.

### **Elegia nº 8**

As mãos leves que amei. As mãos, beijei-as  
nas alvas conchas e nos dedos finos,  
nas unhas e nas transparentes veias.  
Mãos, pássaros voando nos violinos.

Abertas sempre sobre os pequeninos,  
mãos de gestos de amor e perdão cheias.  
Mãos feitas para construir destinos  
no céu, no mar, nas tépidas areias.

As mãos que amei em todos os instantes.  
A carícia das mãos que iam colhê-las  
eram as rosas que colhiam antes.

Se parecem dormir não as despertes.  
As mãos que amei, que desespero vê-las  
Cruzadas, frias, lânguidas, inertes!

Além das *Elegias* (1952), Mota publicou “Epitáfios” (59), “O galo e o catavento (62) e “Canto Ao Meio” (64). Em crônica: “Capitão de fandango (59). Estudos/ensaios: “Roteiro do Cariri” (52), “São José do Nordeste” (52), “Paisagem das secas” (58), “Geografia Literária” (61), “Imagem do Nordeste” (61) e “Estrela de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes” (61). Mauro Mota faleceu no Recife a 22 de novembro de 1984.